

Resenha Bibliográfica 1

Huáscar Fialho Pessali

Departamento de Economia da
Universidade Federal do Paraná

McCLOSKEY, Deirdre N. *Economical Writing*. 2ª ed.
Prospect Heights (IL): Waveland, 2000.

“*Escrito sem esmero, lido com penar*,” disse Hemingway, e repete Deirdre McCloskey. Se você tenta se esmerar, a nova edição de *Economical Writing* pode ser bem útil. A autora acha que você só tem a ganhar - inclua aí uma maior audiência.

O livro tem origem num curso ministrado por McCloskey, em Chicago, para pós-graduandos de economia. Por isso o pós-graduando de língua inglesa é, a princípio, o centro do público-alvo (também chamado **leitor implícito**). Mas todos nós, economistas nativos em outras línguas e em qualquer nível de formação, podemos nos beneficiar tanto quanto.

Muitos de nós achamos que aprendemos tudo sobre escrever na escola. Ponto final. Ser economista (mestre, doutor...) é o que basta. Isso provê o conteúdo do que escrevemos. Importa pouco sermos secundaristas no estudo da língua. Estou falando do Português. Com o Inglês talvez sejamos mais humildes. De toda forma, por instinto criamos autodefesas. Das mais comuns é: “Difícil ler meu texto? Mera questão de estilo. O que importa é o conteúdo.” Certo. Que conteúdo o é o importa. Não entendeu? O que taimpor é o doteúcon. Não?! Mas o conteúdo é o mesmo da última sentença entre aspas! Estilo e conteúdo podem ser conceitualmente distintos, mas são inextrincáveis. (p. 6) Como num sistema de equações simultâneas, mexeu em um, mudou o outro.

O estilo é parte da tríade da argumentação que usamos em todos os nossos textos. (p. 17) Completam a invenção e o arranjo. Com a tríade em mente, McCloskey elaborou 31 curtas seções de dicas bem humoradas e auto-ilustrativas sobre como escrever melhor.

Nas sete primeiras seções, McCloskey dá boas razões para que se tenha cuidado com o escrever. Nenhuma grande novidade, mas por não serem passadas via cromossomos precisam ser lembradas. Escrever é sobretudo uma das principais atividades do economista. (p. 5) Pare e lembre: artigos para congressos e revistas acadêmicas, relatórios e memorandos para a matriz, circulares para os associados, colunas para os jornais, discursos e apresentações a preparar. E por aí vamos.

Nas próximas três seções McCloskey fala sobre idéias que precisam ir para o papel. Dicas de atitude para não separarmos a pesquisa do escrever. Por exemplo, não deixe para amanhã o que você pode escrever hoje. Não espere acabar a coleta de dados ou a busca e apreensão de toda a bibliografia que interessa. Afinal, ao escrever você vai mudar o rumo da pesquisa. Ao não escrever você vai esquecer de detalhes importantes. Por isso, leia e faça um arquivo de citações, para não ter que procurar - e em geral não encontrar - a fabulosa frase do...hm...naquele texto...ahn... Não economize com pelo menos um bom dicionário e um bom *thesaurus* (dicionário de sinônimos). Coloque-os já na escrivaninha - ou na mesa da cozinha, ou no criado da cama (p. 27) - e abuse. Eles não foram feitos para enfeitar a sala ou impressionar as visitas. Se você quer impressionar, comece a usá-los. Ah, e afixe em lugar bem visível uma folha com o dizer “e daí?” (p. 29) Isso é para ajudá-lo a não fugir do ponto ou deixar algo explicado pela metade.

Agora, sentado à escrivaninha, inspire longamente. É sempre assim antes da primeira palavra, não é mesmo? Em três seções McCloskey fala sobre tópicos que, a partir daquela longa inspiração, devem entrar na sua circulação sanguínea. Um: como estabeleço o autor implícito, ou que personagem assumo ao escrever? Algumas idéias são “o cientista fervoroso,” o “estudante entusiástico,” o “gênio,” ou ainda o “lúdico matemático”. (p. 39) Dois: quem é o meu leitor implícito? E três: como evitar lugares comuns e ao menos não desencorajar meu leitor logo no começo? Lembre-se, há

sempre forças contrárias operando sobre seu leitor (e.g. dormir, ir ao banco, ler outro texto... A propósito, “e.g.” abrevia o latim *exempli gratia*, i.e. por exemplo. Já “i.e.” vem de *id est*, ou seja, ou seja.). Se você pensar bem, reter a atenção de um leitor não é nada fácil. Alongar o entre parênteses com temas além de secundários, por exemplo, não deve ajudar.

Dos cuidados com o ensaio como um todo, McCloskey segue para as unidades literárias menores. São dicas sobre a construção de parágrafos e sentenças, e sobre o uso de palavras. Parágrafos e sentenças, se curtos ou se longos, produzem diferentes efeitos. A falta de pontuação pode levar ao desmaio por falta de ar. Ou, se, feita, sem, cuidado, ao, soluço. A repetição de palavras é mais tolerada no Inglês que no Português. A parte final da sentença é o lugar de ênfase. A repetição de uma mesma estrutura gramatical é fadada à monotonia. O leitor atento acabou de perceber o risco assumido no justo intuito de dramatizar o exemplo. (p. 53)

Adiante há dicas mais diretas sobre ordem de palavras, emprego de voz ativa ou passiva (p. 70), e palavras a se evitar e suas alternativas. (p. 73) Seguem sugestões para o uso de pronomes relativos a fim de evitar tanto a repetição de substantivos quanto de deixar claro a quem vem o adjetivo. E então vêm os cuidados a se tomar com abreviações, acrônimos, itálicos e aspas. Vai ser engraçado para nós brasileiros notar, na última seção, que o nativo de língua inglesa pode acabar falando *given data* sem perceber a redundância.

Sério, inteligente, bem humorado e ilustrativo. O livrinho pode ajudá-lo a escrever melhor em Inglês. E se você tirar mais lições do que as escritas ali vai poder melhorar também sua redação em Português.

Encerro aqui os elogios e a breve descrição dos tópicos. Seguindo um arranjo tradicional de resenha, passo às críticas. (Outra tradição é só criticar.)

Primeiro ponto: vou implicar com uma implicância de McCloskey. Arranjos tradicionais dos textos de economia e o uso de elementos previsíveis (como o parágrafo-índice ao fim da seção introdutória) são execrados no livrinho. Pergunto então: por que haveria eu de seguir um arranjo formal de resenha?

Ora, por achar que o leitor - eu e você - gosta de ser surpreendido. Paradoxal? Nem tanto. Para que possa ser apreciada, uma surpresa tem que, muitas vezes, romper uma ordem já conhecida ou sob algum controle do leitor. Caso contrário, ela pode atingi-lo como um grande *nonsense*. Isso não é uma teoria da surpresa, é uma simples impressão. Se não posso ter uma idéia do que vem pela frente no texto, sinto às vezes não ter domínio sobre o que já foi lido. Ou o que foi lido não tem ligação com os argumentos das páginas seguintes ou sou incapaz de percebê-la. Desculpe a confissão que, concordo, faz infeliz o autor que tem a mim como leitor. Prometo mais empenho. Mas não dar bola e deixar o leitor à deriva não parece razoável. Já andaram dizendo que inovação não é nada sem alguma tradição.

Segundo ponto: McCloskey encoraja o leitor a seguir suas dicas e regras porque são, na verdade, melhores do que as outras regras que aprendemos na escola. Afinal, diz McCloskey (p. 9), não devemos acreditar em todos que nos aparecem a ensinar regras. Por isso, com a sua licença, vou concordar em discordar.

Como em toda atividade humana, é raro agradar a todos. Na ciência (ou arte) de escrever há contrapontos, controvérsias, ou mais de um jeito de se fazer as coisas. Tirando mais lições do livrinho, lembre-se: você deve delinear o seu leitor implícito. E nem sempre o seu leitor implícito é alguém como McCloskey. Por isso a leitura das regras não pode deixar de ser crítica.

Veja o caso do parágrafo-índice. Fazer ou não fazer? McCloskey (p. 37) suplica: "*Don't, please, please, for God's sake, don't.*"

Calma. Não é porque McCloskey acionou o sinal vermelho que você vai fechar os olhos e atravessar o parágrafo com um pulo. Olhe para os dois lados. Você pode ser atropelado pela desvantagem do primeiro movimento. Se todo mundo faz, você pode ser punido por não fazer. Aquele parecerista que não leu *Economical Writing* mas que vai dar o veredicto no seu artigo pode achar você um tanto ousado. Um passo em falso na travessia da publicação.

Embora o tal parágrafo possa ser enfadonho requerimento de um *Big Brother* de economistas nos comitês editoriais e bancas de seleção, tentativas isoladas podem não ser lá a solução. No impasse, tempere seu texto com a ética do melhor escrever como um bem coletivo não excluível. Lembre-se de alguns gigantes. Gramsci: uma grande conquista depende da ocupação gradual de posições. Ulisses: nem a Scylla, nem a Charybdis.

Se você acha imprescindível antecipar ao leitor o que vem pela frente, disfarce e crie. Primeiro, use o molde. “A primeira parte é uma revisão da literatura sobre X. A segunda parte explica por que a teoria A é usada em lugar de B.” Agora mude. Que tal em forma de perguntas: “O que se tem falado a respeito de X? Que vantagens há em explorar X a partir de A, e não de B?” Ou invente outra receita, de modo que no fim do parágrafo você possa fingir que escreveu: “Viu? Essa é a ordem em que discuto os tópicos.” Assim o leitor não simpatizante do modelo básico pode passar da primeira linha sem notar. E sem reclamar.

Veja agora o caso dos rodapés. McCloskey os considera “ninhos de pedantes”. (p. 48) Devem ser evitados a qualquer custo, exceto na sua função bibliográfica.

Intrigante. Na página 15, McCloskey relaciona economistas que ganharam sua admiração. Gigantes da disciplina em cujos ombros muitos se apóiam. Mas, sabe o quê? Vários deles adoram rodapés. Se não adoram, abusam a contragosto. E ganham aplausos. Como pode?

Em várias ocasiões (e.g. 1994, p. 13), McCloskey expressa seu respeito pela “boa e velha *Chicago School*” de Frank Knight, Theodore Schultz e Ronald Coase. Curioso, fui rever dois textos de Coase que, dizem, lhe deram o Prêmio Nobel de 1991. Em *The Nature of the Firm* (COASE, 1937), que tem 20 páginas, contei 50 notas de rodapé. Nem metade é bibliográfica. *The Problem of Social Cost* (COASE, 1960) tem 44 páginas. Mais páginas, mais notas: 64 ao todo. Embora só 14 não sejam bibliográficas, não são também muito pequenas.

Bom, a amostra pode estar pequena. Então persisto.¹ McCloskey (1998, p. 22) fala mais de sua admiração por outros economistas, dentre eles Albert Hirschman e Mancur Olson.

Nas vinte páginas do capítulo introdutório do conhecido *Exit, Voice, and Loyalty* (HIRSCHMAN, 1970) há vinte e duas notas de pé de página. E não só bibliográficas. Siga folheando e vai encontrar muitas mais. (Já que você vai folhear, aproveite para ler. Vale a pena.). E o livro de 1970 não é um *outlier*: Olhe outros, como Hirschman (1991).²

Olhe o também famoso *The Logic of Collective Action* (OLSON, 1965). A quinta edição do livro vem com 167 páginas...e 105 notas de rodapé. E o apêndice, de 19 páginas: 19 rodapés. Se alguém acha que o Olson de 1965 é pego em hora de pouca inspiração, vamos ao *The Rise and Decline of Nations* (OLSON, 1982). Lá, com a ajuda do editor (se você leu a nota de rodapé 2 vai entender o que quero dizer), McCloskey veria Olson se superar em pedantismo. São 185 notas em 237 páginas. Não bastasse isso, uma das notas (letra pequena, parágrafo simples) ocupa duas páginas e meia.

Intriga ainda mais ver que McCloskey, em sua merecida ascensão ao rol de autoridades da disciplina, usou o degrau que hoje acha frágil. Veja McCloskey (1976) e suas 311 linhas de pé de página. Sim, 311 linhas, que correspondem a 7 das 28 páginas do texto (*one quarter of text is footnotes!*). E genial é ver seu outro novo livro (McCLOSKEY, 2000), cujo título é, ao que me consta, o primeiro na disciplina a vir com rodapé.

Em suma, tentar ir para o *Guinness* é por certo uma estratégia arriscada. Não se deixe animar pela nota de rodapé de 165 páginas que está no livro *History of Northumberland*, de John Hodgson (cf. ZALDUENDO, 1995, p. 380r22 – atente para a origem da informação).

1 Aqui o leitor já terá entendido que o resenhista é um incorrigível apreciador de rodapés. Incorrigível a ponto de, nada tradicionalmente, usar dois numa resenha.

2 Não sei qual edição você vai encontrar, mas na primeira o editor sim, pecou: deformou as pobres notas de rodapé em notas de fim de livro.

Com os rodapés, assim como com as outras regras, seja zeloso - o que, aliás, vale para tudo nesta vida. Mas não se repreenda demais. Lembre-se de uma regra maior, a última das seis de George Orwell (p. 88): “*Quebre qualquer uma das outras regras antes de acabar falando algo totalmente insensato.*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COASE, Ronald. The nature of the firm. *Economica*, v. 4, p. 386-405, 1937.
- _____. The problem of social cost. *Journal of Law and Economics*, v. 3, p. 1-44, 1960.
- HIRSCHMAN, Albert. *Exit, voice, and loyalty: responses to decline in firms, organizations and states*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1970.
- _____. *The rhetoric of reaction: perversity, futility, jeopardy*. Cambridge (MA): Belknap Press, 1991.
- McCLOSKEY, Donald N. Does the past have useful economics? *Journal of Economic Literature*, v. 14, n. 2, p. 434-61, 1976.
- _____. *Knowledge and persuasion in economics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- McCLOSKEY, Deirdre N. *The rhetoric of economics*. 2ª ed. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.
- _____. *How to be human* (*Though an economist)*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.
- OLSON, Mancur. *The logic of collective action: public goods and the theory of groups*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1965. 5ª impressão, 1975.
- _____. *The rise and decline of nations: economic growth, stagflation, and social rigidities*. New Haven: Yale University Press, 1982.
- ZALDUENDO, Eduardo. Economistas escritores y economistas escritores. *Desarrollo Economico*, v. 35, n. 139, p. 373-99, 1995.